

‘BABY’: VIVÊNCIAS HOMOSSEXUAIS NO AMBIENTE URBANO DE SÃO PAULO

‘BABY’: HOMOSEXUAL EXPERIENCES IN THE URBAN ENVIRONMENT OF SÃO PAULO

‘BABY’: EXPERIENCIAS HOMOSEXUALES EN EL ENTORNO URBANO DE SÃO PAULO

Pablo de Oliveira Lopes¹

RESUMO: Esta resenha analisa o filme ‘Baby’ (2024), dirigido por Marcelo Caetano, que narra o encontro entre Wellington, jovem egresso de um centro de detenção, e Ronaldo, garoto de programa, no cenário urbano de São Paulo. A partir de uma leitura ancorada na Teoria *Queer* e em conceitos como contrabando discursivo, equidade e *chemsex*, discute-se como o filme retrata vivências homossexuais marginalizadas pela raça, pela classe social e pela sexualidade dissidente, ao mesmo tempo em que reproduz posições de subalternidade ao associar seus personagens à clandestinidade e à ilegalidade. A resenha destaca ainda temas pouco explorados na obra, como a jornada dupla de homens casados que mantêm relações homoafetivas às escondidas e a prática do sexo químico entre homens que fazem sexo com homens. Conclui-se que, apesar de seus méritos ao expor parte do universo *queer* paulistano, o filme reforça, em alguma medida, estereótipos que mereceriam maior problematização, reafirmando a relevância de produções audiovisuais que retratem a comunidade LGBTQIAPN+ a partir de outras óticas.

1

Palavras-chave: Cinema. Homossexualidade. Marginalidade.

ABSTRACT: This study offers a critical analysis of the film ‘Baby’, directed by Marcelo Caetano, focusing on the affective, sexual, and social experiences of LGBTQIAPN+ characters in São Paulo’s urban context. The narrative follows Wellington, a young man recently released from a juvenile detention center, and Ronaldo, a male sex worker with whom he forms a relationship defined by affection, desire, conflict, and protection. The analysis highlights the support networks the characters build and how individuals are shaped by markers of sexuality, gender identity, race, and social class. Drawing on Queer Theory and discussions of heteronormativity, the study examines the representation of individuals who diverge from gender and sexual norms—particularly those facing marginalization, violence, and social vulnerability. It also addresses issues such as prostitution, drug use, sex between men, and chemsex, highlighting their intersections with human rights and public health. The study argues that, while the film helps make frequently marginalized LGBTQIAPN+ experiences visible, its portrayal may reinforce associations between sexual dissidence, illicit activity, and vulnerability. Finally, it advocates broadening cinematic representations of LGBTQIAPN+ people to reflect their diversity and presence across various social spaces.

Keywords: Cinema. Sexuality. LGBTQIAPN+.

¹ Doutor em Ciências Humanas e Sociais (Universidade Federal do ABC - UFABC)/ Professor substituto do curso de medicina da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar).

RESUMEN: Este artículo presenta un análisis crítico de la película ‘Baby’, dirigida por Marcelo Caetano, basado en las experiencias afectivas, sexuales y sociales de personajes LGBTQIAPN+ en el contexto urbano de São Paulo. La narrativa sigue a Wellington, un joven que sale de una institución socioeducativa, y a Ronaldo, un trabajador sexual con quien establece una relación marcada por el afecto, el deseo, el conflicto y la protección. El análisis resalta las redes de apoyo construidas por los personajes y la representación de sujetos atravesados por marcadores de sexualidad, identidad de género, raza y clase social. A partir de las contribuciones de la Teoría Queer y de los debates sobre la heteronormatividad, se problematiza la representación de personas que disienten de las normas de género y de la sexualidad en contextos de marginación, violencia y vulnerabilidad social. También se discuten temas relacionados con la prostitución, el consumo de drogas, las relaciones sexuales entre hombres y el chemsex, destacando sus interrelaciones con los derechos humanos y la salud pública. Se argumenta que, si bien la película contribuye a visibilizar las experiencias frecuentemente marginadas de las personas LGBTQIAPN+, su representación puede reproducir ciertas asociaciones entre la disidencia sexual, la clandestinidad y la vulnerabilidad. Finalmente, se defiende la importancia de ampliar las representaciones cinematográficas de las personas LGBTQIAPN+, abarcando su diversidad y su presencia en diferentes espacios sociales.

Palabras clave: Cine. Sexualidad. LGBTQIAPN+.

Lançado em 2024, ‘Baby’, dirigido por Marcelo Caetano, chegou às salas de cinema em janeiro de 2025 e conta a história de Wellington (João Pedro Mariano), que, após ser liberado de um centro de detenção para jovens, conhece Ronaldo (Ricardo Teodoro), um garoto de programa, durante uma visita a um cinema pornô.

2

Ambientado em São Paulo, o longa-metragem é um drama de 1h47min que aborda a relação entre os dois homens (Wellington e Ronaldo), marcada por conflitos, afeto, sexo, ciúmes, cumplicidade e proteção. No elenco, além dos atores já mencionados, estão Ana Flavia Cavalcanti (Priscila), Bruna Linzmeyer (Jana), Luiz Bertazzo (Torres) e Marcelo Varzea (Alexandre).

Laureado, o filme reúne diversas conquistas, incluindo os prêmios de melhor filme de ficção no Festival do Rio; melhor ator, no mesmo festival, para João Pedro Mariano; e melhor ator revelação, em Cannes, para Ricardo Teodoro, que também ganhou o Prêmio Grande Otelo do Cinema Brasileiro.

Tendo como cenário a Praça da República, no centro da capital paulista, a produção, disponível na plataforma de vídeos do YouTube, tem como protagonista *Baby*, apelido pelo qual o jovem prostituto Wellington prefere ser chamado.

A alcunha lhe foi dada por Ronaldo, que, de certa forma, acaba exercendo o papel de seu pai, dada a diferença de idade entre eles, que supera os 20 anos (*Baby* tem 18 e Ronaldo, 42). Em

razão do rechaço do pai, o protagonista tenta encontrar o cuidado paterno na figura de outro homem, que acaba sendo amante, parceiro, amigo.

Além de Ronaldo, compõem a rede de apoio que dá suporte a *Baby* Priscila, com quem Ronaldo teve um filho, e Jana, atual namorada/companheira de Priscila. Assim, são apresentados os afetos e as relações de carinho construídos pelo personagem de João Pedro Mariano, que, após sair da Fundação Casa², empreende uma busca por seus pais, que já não moravam na capital paulista. Nessa empreitada, o rapaz conta justamente com a ajuda dos personagens de Ricardo Teodoro e de Ana Flávia Cavalcanti.

Entretanto, não são retratados apenas os vínculos que *Baby* estabelece com as pessoas que Ronaldo lhe apresenta. Além do filho de Ronaldo, de sua ex-mulher e da namorada dela, o longa mostra os laços de amizade que levam o jovem ao *Voguing* (ou *Vogue*), dança moderna caracterizada por posições típicas de modelos de passarela, com movimentos corporais definidos por poses de revista. Segundo Rodrigues W e Santos AJ (2024), o estilo, popularizado por uma música e um videoclipe da cantora Madonna, é uma forma de representação cultural, histórica e política, além de um instrumento de comunicação e de expressão artístico-cultural da comunidade LGBTQIAPN+.

O protagonista do filme e seus amigos dançam na Praça da República e em ônibus que circulam por São Paulo. Pessoas habitualmente relegadas à marginalidade em razão da sexualidade, da identidade de gênero, da classe social e da raça compõem o grupo social ao qual *Baby* pertence.

E é exatamente no fato de expor parte do universo *queer*³ em que residem, ao mesmo tempo, o mérito e o ponto fraco do filme de Caetano. Se, por um lado, o foco está em personagens que, dissidentes de gênero e sexualidade, são geralmente relegados a um local socialmente desvalorizado, por outro, a resistência à opressão se dá colocando-os, mais uma vez, em posição subalternizada, de clara inferioridade, pois é na clandestinidade e na ilegalidade que se encontram quando são associados ao furto, ao roubo (como se vê nas cenas em que os amigos

² Pode-se ler sobre essa instituição em: <https://fundacaocasa.sp.gov.br/>.

³ O termo *queer* pode ser interpretado como 'estranho', 'excêntrico', 'raro' e 'extraordinário'. A expressão também constitui uma forma pejorativa com que são designados homens e mulheres homossexuais. Este termo também é assumido por uma vertente de movimentos homossexuais para caracterizar sua perspectiva de oposição e contestação. JESUS, CC. O que é a teoria *queer*? Notas introdutórias de um saber subalterno, subversivo e contra-hegemônico. *Veredas da História*, [online], v. 9, n. 2, p. 21-34, dez., 2016, ISSN 1982-4238.

de *Baby* entram, sem pagar, no cinema pornô e levam pertences/objetos dos homens que lá estão) ou mesmo ao tráfico de drogas.

Colocar pessoas LGBTQIAPN+ nessa posição chama ainda mais a atenção, considerando que o termo *queer*, componente histórico do leque de palavras usadas para estigmatizar homossexuais e outros constituintes da população LGBTQIAPN+, pode assumir outra conotação quando dele se apropriam pessoas consideradas desviantes e não cumpridoras das normas que a sociedade estabeleceu para ditar o que se deve ou não fazer em relação à orientação sexual e à identidade de gênero.

Tal apropriação faz parte de um recurso que a linguística chama de ‘contrabando discursivo’, que consiste em utilizar ações e palavras depreciativas, inicialmente destinadas a insultar pessoas LGBT, de modo a conferir-lhes um sentido positivo e autoafirmativo.

Quando usamos uma palavra, uma sentença ou qualquer texto produzido para inferiorizar, rechaçar ou até insultar alguém, produzimos algumas estruturas que servem de modelo ou se tornam conhecidas por essas razões. Às vezes, os sujeitos que são alvo dessas ações mitigadoras fazem uso deliberado de tais estruturas para responder a essas ações, revalorizando-as ao atribuir sentido positivo e autoafirmativo a elas (MELO IF, 2024, p. 34).

O vocábulo ‘*queer*’, que traz consigo a bagagem da estranheza, da excentricidade e até do ridicularizado, pode, então, ser empregado para representar a verdadeira resistência à heteronormatividade⁴. E essa contestação pode e precisa sair de contextos que não sejam apenas os que reduzem *gays* a traficantes de entorpecentes (no filme, é o caso de *Baby*, Ronaldo e Torres), como a cocaína ou a metanfetamina⁵, por exemplo. O enfrentamento ao preconceito, à discriminação e à exclusão também pode partir da premissa de que homossexuais e pessoas trans não são, necessariamente, profissionais do sexo. E que não vivem, obrigatoriamente, em moradias precárias, como a de Ronaldo, que habita um cortiço.

⁴ A heteronormatividade visa regular e normatizar modos de ser e de viver, os desejos corporais e a sexualidade. De acordo com o que está socialmente estabelecido para as pessoas, numa perspectiva biologicista e determinista, há duas — e apenas duas — possibilidades de locação das pessoas quanto à anatomia sexual humana, ou seja, feminino/fêmea ou masculino/macho. PETRY, AR.; MEYER, DEE. Transexualidade e heteronormatividade: algumas questões para a pesquisa. *Textos & Contextos* (Porto Alegre), v. 10, n. 1, p. 193 - 198, jan./jul. 2011.

⁵ A metanfetamina, droga psicoativa, é neurotóxica e causa dependência. LUCENA, WFL; RABELO, ZH; OLIVEIRA, LL; SÁ, HC; LOPES, MCMS; GUIMARÃES, MV; MONTEIRO, LKB; ARAÚJO, VMA. As repercussões da metanfetamina na prevalência de lesões cariosas – revisão de literatura / The repercussions of methamphetamine on the prevalence of carious lesions - literature review. *Brazilian Journal of Development*, [S. l.], v. 6, n. 5, p. 26677–26688, 2020. DOI: 10.34117/bjdv6n5-211.

É claro que a realidade precisa ser encarada com a visão crítica que nos permita lembrar que estamos no país que mais mata pessoas trans no mundo:

Um dossiê da Associação Nacional de Travestis e Transexuais (Antra) apontou nesta segunda-feira (27) que o Brasil continua sendo um dos países mais letais para essa comunidade, diante das 122 mortes registradas em 2024. O levantamento indicou que houve uma redução de 16% em relação ao ano anterior, mas que pelo 16º ano consecutivo, o país é o que mais assassina pessoas trans e travestis no mundo (NARCISA T e BONETS V, 2025, n.p.).

E esse mesmo olhar nos faz enxergar que o acesso ao mercado de trabalho é extremamente complicado para elas:

Além do descaso da segurança pública, essa população precisa lidar com outras graves violações de direitos humanos, como falta de acesso a serviços básicos de saúde e educação, por conta do preconceito, discriminação e desinformação sobre a realidade dessa parcela da sociedade. Outro direito negado a homens e mulheres trans é o acesso ao mercado de trabalho (UFMG, 2020, n.p.).

Entretanto, a problematização da realidade também evidencia que pessoas LGBTQIAPN+ podem ocupar outros espaços. Reflexão essa que é base da Teoria *Queer*, campo de estudos que nos ajuda a abordar a obra audiovisual de Marcelo Caetano. Segundo Miskolci R, “[...] as reflexões queer afirmam que a ordem política e cultural da heterossexualidade compulsória garante os privilégios políticos, culturais e até econômicos daqueles/as que vivem dentro de suas prescrições” (2014, p. 09). E se, como afirma o mesmo pesquisador (2014), o uso de uma injúria (a palavra ‘*queer*’) dirigida a dissidentes de gênero pode designar uma corrente de reflexão que traduz o impulso insurgente que origina um novo pensamento radical sobre a sexualidade, é pertinente reivindicar que o cinema brasileiro demarque território, abordando histórias que mostrem o universo LGBTQIAPN+ a partir de outra ótica: com personagens ocupando posições sociais em que prevaleçam a altivez, a dignidade e o brio, não se deixando subjugar.

Além do que já foi escrito, destacamos dois temas relevantes que apenas foram tangenciados em ‘*Baby*’. O primeiro deles é a ‘jornada dupla’ de homens casados com mulheres, que vivem de aparências e não conseguem experimentar sua sexualidade de maneira plena, mas mantêm relações sexuais com outros homens, como garotos de programa (como o personagem Alexandre, interpretado por Marcelo Varzea, que tem um envolvimento com *Baby*, mas o expulsa de sua casa quando descobre que ele é egresso de um centro de detenção juvenil). Tais homens, que por vezes frequentam *cruising bars* e cinemas pornô, vivem às escondidas e, até por

essa razão, são esquecidos pela filmografia nacional: homens de 40 ou 50 anos de idade cuja sexualidade só existe no interior dos chamados ‘cinemões’, como o Cine República, no centro de São Paulo, ou nas saunas voltadas ao público dessa faixa etária.

E o segundo assunto é o ‘sexo químico’, ou *chemsex*, termo “[...] proveniente da contração de ‘chemical sex’ utilizado para indicar a ingestão voluntária de drogas psicoativas e não psicoativas no contexto de festas sexuais e de relações sexuais [...]” (SOUSA AFL, et al., 2023, p. 2), que configura uma prática comum entre homens que fazem sexo com homens (HSH), e está ligada ao uso de metanfetamina, droga conhecida como ‘Tina’ ou ‘Cristal’, vendida, por exemplo, em aplicativos de sexo, como o *Grindr*⁶, muito usado por homossexuais. Tal temática é extremamente relevante do ponto de vista social e de saúde pública, motivo pelo qual merece ser melhor discutida.

REFERÊNCIAS

MELO, IF. Babado, confusão e gritaria na ciência. In: MELO, IF. (org.). **Linguística queer**. 1 ed. Campinas: Pontes Editores, 2024. p. 21-38.

MISKOLCI, R. Estranhando as ciências sociais: nota introdutórias sobre Teoria Queer. **Revista Florestan Fernandes, Dossiê Teoria Queer**, São Paulo, SP, v. 1, n. 2, p. 08-25, nov. 2014.

NARCISA, T; BONETS, V. Brasil é o país que mais mata pessoas trans e travestis, aponta dossiê. **CNN Brasil**, Belém, 27 jan. 2025.

RODRIGUES, W; SANTOS, AJS. Dança vogue como forma de libertação social. **Policromias - Revista de Estudos do Discurso, Imagem e Som**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, p. 134-156, maio/ago. 2024. DOI: 10.61358/policromias.2024.v9n2.63411.

SOUSA, AFL, et al.. Chemsex e suas repercussões na saúde de homens que fazem sexo com homens: uma perspectiva de saúde global. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 76, n. 3, p. 1-5, 2023.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS (UFMG). Mercado de trabalho impõe barreiras à população trans. **UFMG – Notícias**, Belo Horizonte, 31 jan. 2020.

⁶ O *Grindr* é um aplicativo ou plataforma de relacionamentos afetivos, amorosos e sexuais. RODRIGUES, ALB. Os termos de uso do ‘Grindr’ e a proteção de dados pessoais como direito de personalidade. *Revista do Centro Acadêmico Afonso Pena*, Belo Horizonte, v. 29, n. 1, 2024, ISSN (impresso) 1415-0344/ISSN (online) 2238-3840 2024. DOI: 10.69881/rcaap.v29i1.52360.